

LE JOURNAL DE
L'IMMIGRATION
PORTUGAISE

jornal do Emigrante

Nº 7
MARÇO DE 1970
REDACTION ET
ADMINISTRATION :
3, RUE RECAMIER
PARIS (VIIº)
1 F

CONTRIBUIR PARA QUE OS TRABALHADORES EMIGRADOS TOMEM CONSCIÊNCIA DA SUA DIGNIDADE DE HOMENS

COLUNA um

RESPOSTA A UM LEITOR

Um leitor de St-Ouen, escreveu-nos e perguntava :

« Porque é que os senhores escrevem e falam tanto na guerra em Africa ? »

É importante e agradecemos a este nosso amigo ter sido franco e perguntar-nos a razão porque o JORNAL DO EMIGRANTE se refere tantas vezes à guerra colonial.

Vamos pois responder-lhe e gostaríamos que cada um dos nossos leitores desse também o seu ponto de vista.

A guerra colonial, é o problema mais grave do povo português.

É na guerra em Africa que se perdem muitos jovens, uma média de 3 portugueses mortos por dia (isto se nos fiarmos só no que diz o ministério do exército), grande número de feridos e de jovens que regressam com doenças mentais ou depressões nervosas.

É por causa das despesas com a guerra em Africa que milhares de trabalhadores partem para França, Alemanha, Canadá e outros países, e das condições de miséria que existem em Portugal.

E na guerra colonial os trabalhadores portugueses são apenas soldados.

Porque a guerra colonial serve os interesses dos oficiais, dos senhores do governo e dos capitalistas alemães, ingleses, franceses, americanos.

É por esta razão que o JORNAL DO EMIGRANTE se refere largamente à guerra.

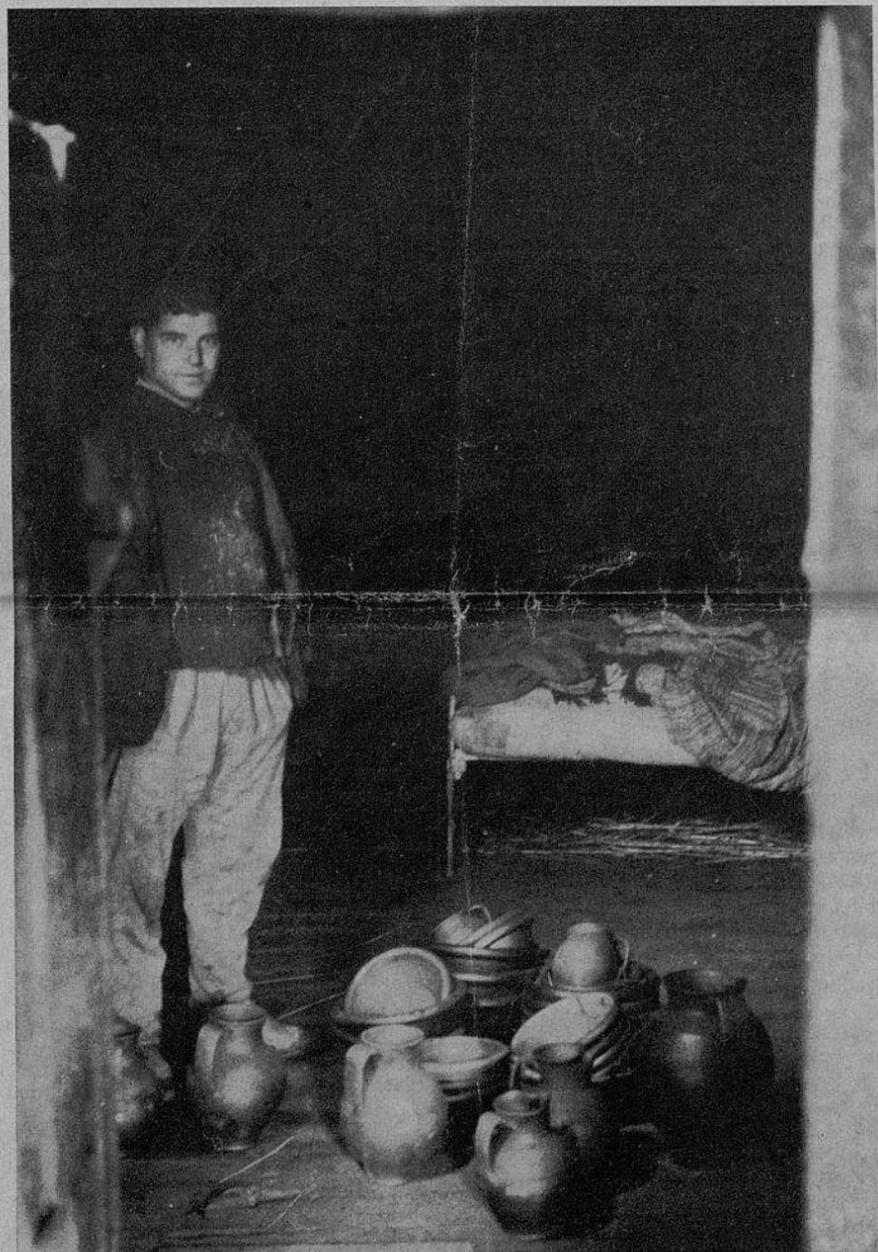
Porque em Portugal os trabalhadores não são informados. Apenas lhes falam em « patriotismo e em províncias ultramarinas ». Mas o patriotismo dos governantes portugueses é mandarem para Africa os trabalhadores feitos soldados, enquanto eles guardam os seus capitais nos bancos da Suíça e da Alemanha.

É para que os trabalhadores emigrados, **compreendam a razão que os obriga a vir « a salto » para o estrangeiro, e que se apercebam das mentiras que nos pregam**, que o JORNAL DO EMIGRANTE falará sempre, regularmente, na guerra que o governo faz em Africa, onde os trabalhadores não passam de soldados.

M. F.

(Ver a página da GUERRA COLONIAL, página 6)

Sob o Reinado de Marcelo Caetano



VENDEDOR NORTENHO. — são estas condições de vida que obrigaram 400 000 Portugueses a procurar a França da « ilusão ». (Foto de Bloncourt)

PENTEADORA LDA GUARDA

A « santa-aliança » contra as operárias

Unhais da Serra-Na fábrica « Penteadora Lda. » as operárias de retorcedores e contínuos (máquinas) trabalhavam com 400 fusos, tendo como prémio de produção uma média de 25 \$ 00 semanais. Este prémio porém só era dado às operárias que não faltassem nenhum dia de trabalho e só fossem uma vez à casa de banho.

A vinda dum técnico americano para organizar a empresa levou a administração a exigir que cada operária tomasse conta de 800 fusos em vez dos 400 como até aí.

Três operárias, das melhores ; foram escolhidas para fazer a experiência mas estas recusaram pela impossibilidade de levar a tarefa a cabo. Então fizeram a tentativa com 600 fusos - chegaram ao fim mas completamente esgotadas. Quizeram que elas continuassem o ritmo mas elas recusaram e o resultado foi o despedimento. As outras operárias pararam o trabalho exigindo a readmissão das colegas. Durante todo o dia estiveram paradas até à manhã do dia 6 de Dezembro.

O Delegado do I.N.T.P. (Instituto Nacional do Trabalho e Previdência) contactou o padre de Erada, localidade de origem de muitas das operárias, para que este as convencesse a recomeçarem o trabalho. O padre recusou de princípio, mas lá se resolveu a apresentar-se na fábrica para as convencer.

Quando o padre e o delegado do I.N.T.P. apareceram na secção para convencer as operárias a trabalharem foram repudiados com firmeza. Os homens quizeram-se também solidarizar mas os contactos entre as secções foram cortados e as informações que lhes chegavam diziam que elas já haviam retomado o trabalho.

Os « sindicatos » do governo e do patrão

Claro que o Sindicato nada fez nem deu qualquer informação às operárias que lá se dirigiram, o Presidente da secção do Sindicato de Unhais é empregado de escritório da Empresa...

O delegado do I.N.T.P. bem as tentou convencer a fazer a experiência dos 800 fusos, mas elas recusaram dizendo que « não acreditavam nem em sindicatos nem no I.N.T.P. ».

No dia 5 de Dezembro, as 3 operárias despedidas foram fechadas numa dependência da fábrica, cujo chão é de cimento, donde saíram geladas e com fome. Queixando-se disto ao delegado do I.N.T.P. mudaram de « cela » e foram para um gabinete com sofás e aquecimento, servindo-lhes leite e bolos.

(CONTINUA NA PAG. 2)

Neste número

- DESPORTO : entrevista com Damas (Sporting)

(Página 4)

- 18 PORTUGUESES MORTOS EM FRANÇA vítimas das condições de alojamento

(Página 5)

- AUMENTO DAS DESPESAS MILITARES EM 1970

(Página 8)

JORNAL DO EMIGRANTE

é editado pela iniciativa das seguintes organizações portuguesas :

- Liga Portuguesa do Ensino e da Cultura Popular - 3, rue Récamier, Paris (7º)
- Club dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris - 3, rue Récamier, Paris (7º)
- Club Franco-Português da Juventude - 70, rue François-Miron, Paris (4º)

■ PENTEADORA LDA. - GUARDA

(CONTINUA DA PAG. 1)

A gerência verificando que as 3 operárias despedidas se apresentaram ao trabalho chamou-as perguntando-lhes a razão da sua presença, elas responderam que só se considerariam despedidas mediante um documento comprovativo. Apresentaram-lhe uma nota não autenticada, mas elas recusaram.

Entra a polícia...

No dia 12 de Dezembro começaram a ser chamadas várias operárias à presença do administrador e do delegado do I.N.T.P. Após várias ameaças acabam por entrar patrulhas da G.N.R. (Guarda Nacional Republicana).

As «meiguices» da G.N.R. tiveram como consequência ferimentos nalgumas das mulheres.

Perante tudo isto o presidente da secção local do Sindicato apresentou queixa ao Governador Civil mas acabou por ser despedido por não terem sido confirmados os maus tratos: o médico do lugar recusou-se a receber algumas das operárias feridas.

O padre de Unhais da Serra, a quem a fábrica paga 500 \$ 00, falou com as operárias e deu-lhes como conselho para acabarem com aquela «vergonha, comecem o trabalho e pedirem desculpa ao patrão».

No dia 13, cansadas com tudo acabaram por aceitar trabalhar com 600 fusos.

As 3 operárias que antes já tinham sido despedidas voltaram a ser suspensas.

De 6a. feira à 2a. seguinte, as forças da «ordem» (a G.N.R.), lá se mantiveram com os agentes da nova Direcção Geral de Segurança, antiga PIDE.

No dia 13 as operárias enviaram 2 telegramas - um para o Presidente do Concelho e outro para o Ministro das Corporações. Cinco dias mais tarde as 3 operárias eram de novo admitidas.

(Do nosso correspondente na Guarda)

A TALHO DE FOICE

OS PATRÕES, OS BOMBONS

E como se tenta enganar os trabalhadores

E' uma tradição de natal os patrões portugueses oferecerem um jantar aos seus empregados (a que eles chamam «servidores») e brinquedos aos filhos destes. E' uma imposição que o governo faz às grandes empresas: pretende-se fazer ver ao povo que não há em Portugal luta de classes, isto é, oposição aberta entre ricos e pobres. Os patrões aproveitam esta oportunidade para se fazerem passar pelos protectores e os amigos dos trabalhadores e pelos benfeitores das suas famílias.

Para este jantares são convidados também os jornais para que o «acontecimento» não passe despercebido do grande público; seria mesmo um desperdício de dinheiro se isso acontecesse...

Os jornalistas são recebidos com todas as honras inerentes à sua profissão, como diz esse género de jornalista-papa-jantares. No fim do jantar é-lhes posto nas mãos um envelope com uma boa maquia para que ele faça um bom artigo sobre a firma. Todos os jornais, com raríssimas excepções, caem na esparrela e o que se recusa a isso não receberá para o futuro nenhuma publicidade da firma.

SOB O REINADO DE MARCELO CAETANO

O CUSTO DA VIDA EM PORTUGAL

Do «Jornal da Costa do Sol» publicado no dia 22-11-1969 extraímos a seguinte notícia:

«Está a atingir proporções de desvario o aumento do custo de vida. O surto, violento e insólito; causa perturbações que podem conduzir a situações e a dificuldades indesejadas e indesejáveis. A anormalidade do fenómeno afecta penosamente a generalidade da população, pois só bem poucos estarão em condições de lhe fazer face.»

«Não se sabe — e é indispensável saber-se — se é legítima ou ilegítima e onde começa e de onde provém a desmedida escalada dos preços de tudo, ou de quase tudo, desde os géneros alimentícios ao vestuário, do calçado aos transportes, dos medicamentos aos livros (sem exclusão dos de estudo), dos espectáculos publicos às rendas das casas. Caiu-se num círculo férreo, que se vai apertando dia a dia, imparável e constante.»

«Conseguidas — quando se conseguem — algumas melhorias em ordenados ou salários, logo elas são absorvidas, mesmo ultrapassadas, pelas despesas familiares, tornando-se improficuas.»

«Ao Governo não faltam os meios para detectar as causas e conhecer as origens do mal, nem escasseia a autoridade para impor moderação e aplicar penalidades onde haja especulação, ganância.»

★

Daqui se conclui que apesar das greves dos trabalhadores e das suas exigências mais ou menos satisfeitas o aumento de ordenados ou salários é logo absorvido pelo aumento do custo de vida, uma vez que os patrões não estão dispostos a perder uma parte do seu ganho a favor dos operários.

O Governo como representante dos patrões bem o sabe e se não faz nada é precisamente porque está de acordo com eles.

Assim só a luta constante dos trabalhadores na exigência dos seus direitos pode permitir a cada passo o restabelecimento do equilíbrio e leva-los à conquista do lugar a que têm direito.

V. S.

Sabeis o que é uma imprensa livre? — E' aquela que não está amarrada ao capital.

Falemos da Companhia Eléctrica das Beiras, uma das maiores empresas portuguesas, e do Jornal do Fundão.

Aquela companhia também ofereceu um jantar aos seus «servidores»; aquele jornal também foi convidado e fez, evidentemente, uma boa reportagem. Permitem-me dizer, de passagem, que o director desse jornal se considera da oposição...

O jornalista que fez a reportagem sobre a Eléctrica das Beiras devia ter consultado todos os dicionários eruditos para tecer um tal elogio. Aí vai ele:

Diz o Jornal que os trabalhadores devem estar de parabéns porque aquele que dirige a empresa considera-se o primeiro operário da casa, e que a dirige com competência, abnegação, compreensão, firmeza, elegância, distinção, delicadeza, inteligência, cultura, educação, carácter e coração. (Jornal do Fundão, 4-1-70).

Nada menos!

Quanto teria sido o valor do envelope? se é que o artigo não foi revisto e aumentado pelo próprio patrão...

AINDA A CATASTROFE DAS INUNDAÇÕES DE 1967

O DINHEIRO QUE O GOVERNO DA PARA A GUERRA FALTA NAS NOSSAS CASAS!

Em 1966 a guerra já tinha custado 24 milhões de contos! O governo a mais das despesas «normais» (?), decidiu dar em 1968 mais 2 milhões de contos para «Reequipamento extraordinário do Exército e da Aeronáutica».

Em 1969 as despesas extraordinárias consagradas à defesa nacional atingirão a quantia de 6 milhões e 600 mil contos!

Por outro lado, no dia 16-11-69, dois anos depois das inundações do Tejo de Novembro de 1967, de que o mundo inteiro se lembra com um arrepio, tantas as vítimas e os desgastes, e arrepio que é tanto maior quando nos lembramos da recusa criminosa dada pelo governo, ao auxílio em benefício das vítimas, proposto pelo estrangeiro, em especial pela Cruz Vermelha Internacional. Por outro lado, diziamos, no dia 16 de Novembro 1969, com um grande aparato, como é habito, o presidente da República, inaugurou no distrito de Lisboa, «324 alojamentos no cumprimento do plano de realojamento dos sinistrados»! 324 ALOJAMENTOS! DOIS ANOS DEPOIS! PARA DEZENAS DE MILHARES DE VITIMAS!... Mas ao

constatar-mos esta criminosa generosidade do governo, há uma pergunta que nos vem: tendo sido apenas inaugurados 324 dos 568 alojamentos subsidiados pela Fundação Gulbenkian, onde foi parar o resto do dinheiro?

Com o dinheiro queimado em 1969 na vergonhosa guerra colonial, com as despesas do exército e da polícia, partindo do principio que uma casa para cada um de nós, custa cerca de 30 contos, (num prédio de renda económica) podiam-se ter construído mais de 220 mil casas! Quase um milhão de pessoas alojadas num ano!

METADE do orçamento português é consagrado exclusivamente à guerra colonial!

AQUELA VIDA DA LAVOURA

Os problemas da lavoura, que nos falam da sua difícil situação, interessam uma grande parte de portugueses.

Mesmo aqueles que emigraram e hoje são na sua maior parte operários nas fábricas ou na construção, estão ligados a esses problemas quanto mais não seja porque se recordam do seu primeiro trabalho, ainda pequenos, à frente dos bois ou nas vindimas na luta pelo pão de cada dia.

Por isso, quizeamos fazer conhecer aqueles que à lavoura estão ou estiveram ligados os problemas que a fazem atravessar uma das mais graves crises.

Do jornal «A Voz do Minho» extraímos o seguinte artigo:

... «os cereais cotados ao preço de há 20 anos... salários exorbitantes, derivados à falta de mão de obra... campos cobertos de mato e silvas... os lavradores vêem-se na contingência de deixar de semear cereal...» Isto são queixas de Castelo Melhor.

... «batata que não compensa... mão de obra caríssima... ataque excepcional de mildio, das árvores de fruto nada a esperar...» da Mamarrosa.

... «as esperanças duma colheita farta ruíram por completo... receia-se um revés das oliveiras, como das videiras; a falta de calor a tempo enegrece mais a já sombria vida da lavoura...» de Covelas (S. Tomé).

... «gado que nas transacções correntes de feira dá 11.000\$00 e nos postos da Junta só dá 9.000\$00...»

... «encarecimento do sulfato, cinco tostões em quilo, em plena ou no fim duma ruidosa cultura da vinha...»

★

Seria um nunca acabar de queixas que, por muitas, não fazem moza a ninguém. Se houvesse um organismo que lesse aquilo que a Imprensa refere, seria bonito o resultado. Mas, não há. E se há, não trabalha. E se disser que trabalha, não é pela lavoura. Pessimismo nosso? As queixas acima não são nossas e elas algo dizem.

Palavras...

Temos ouvido muitas

Seremos nós a estar errados pelo muito amor que lhe temos. Ninguém, por factos, nos convenceu ainda do nosso erro. Palavras, sim, têm-las ouvido e lido em abundância. Mas desçam os seus autores até ela a lavoura e ficarão certos de quanto tempo perderam. Não se limitem a ouvir organismos de coordenação ou de ajuda porque muitos deles relatam por officio, que tudo vai bem, quando a verdade é que mesmo dentro da sua orgânica executiva tudo vai bem mal...

... Pudemos, recentemente, ter ouvido pela boca doutra grande autoridade nas Finanças e Economia, que 250 mil trabalhadores rurais abandonaram a lavoura, desde 1960, até agora.

Ainda, ao comparar a nossa pecuária com a da restante Europa, saber que nos ficamos em 45% no contributo total, enquanto a demais anda pelos 70%. Mas, como está, desceremos, ou já se desceu muito desde há dois anos a esta parte. E se não, digam os lavradores, ou os seus grémios (lealmente, claro) como corre a coisa. E como prova antecipada temos a importação de carne que em 55-57 oscilava pelas quatro mil toneladas e em 65-67 passou para 20 mil toneladas. Importou-se carne por não haver gado cá, e não há gado cá porque se importou muita carne...

Na sequência das palavras a que nos vimos a referir havia uma alusão à quantidade de gente que cá trabalha na lavoura, o terço da população, enquanto nos países evoluídos a coisa descia para 15 e 10%, sendo que na América (E. U.) atingia 5%. Só com a mecanização nos aproximariamos. Gostariamos de ver uma lista comparada de preços de tractores por exemplo, na América e cá, de ganhos lá e cá, da política agrária mútua e das condições de propriedade nossa, especialmente a Minhota e da estadunidense.

Por aqui se vê a difícil situação da lavoura no nosso país.

Falta de meios? Certamente não! Falta sim de interesse pelo pequeno agricultor pois que enquanto uma minoria de grandes proprietários se dá ao luxo de estarem bem equipados, os pequenos proprietários não só não têm meios como ainda se vêm roubados pelos grémios e outras dependências do Governo.

Falta sim de uma planificação que permita à Lavoura uma produção equilibrada no sentido de uma venda que favorece não só o agricultor mas ainda o consumidor.

Falta sim de uma ajuda financeira por parte do Estado para a industrialização da Lavoura e para o desenvolvimento da sua produção. (Quando se gasta o dinheiro com a guerra colonial não é possível aplicá-lo no desenvolvimento da agricultura.)

Falta sim de honestidade por parte daqueles que são encarregados de resolver os problemas da Lavoura e que se servem do seu lugar para enriquecerem à custa do agricultor.

GRANDE SENHOR EM MESA GRANDE

O conego Dr Urbano Rodrigues, outro jornalista, disse ao longo da «consoada» que aqueles jantares fazem bem à alma dos jornalistas (sobretudo quando são regados com um bom vinho espirituoso...).

Esse Conego - Doutor - Jornalista disse que ele esta habituado a muitos jantares, mas em quantos é que ele se vem sentar à mesa da presidência, encaixado entre os grandes como grande em mesa grande? Disse ele depois que aquele salão, cheio de caras viris, caras válidas onde se vê facilmente a fotografia do povo, dum povo que, pouco a pouco vai deixando a leiva (...) porque, infelizmente, o campo não lhe permite educar os filhos.

Depois falou o deputado Santos Bessa que disse mais ou menos o que os outros já tinham dito.

A ideia que os patrões, os jornalistas e os deputados portugueses pretendem fazer valer é que «aquele salão» se identifica com o povo. Mas o povo são os outros, a maioria, os que não vão a esses «salões»: o povo são os operários, os trabalhadores agrícolas, os soldados que partem para a guerra, aqueles que emigraram como nós...

Temos a dizer-vos, senhores da Eléctrica das Beiras e seus jornalistas servidores que esses bombons e esses envelopes são um engano e mesmo um desperdício para vós: porque, para além dos jantares e outros discursos bonitos, a luta de classes existe; e aprova é que vós existis e nós existimos. Não é preciso ir mais longe: quanto ganha por mês o vosso director? E o vosso mais humilde operário?

■ A EMIGRAÇÃO

«A emigração clandestina já não é um crime!» diziam os jornais do Governo português há dois meses. «Duras penas para os que emigram clandestinamente» dizem agora os mesmos jornais.

Que se passa ao certo? O Governo Português decidiu há dois meses abolir as leis que condenavam os que tentavam emigrar clandestinamente. Muitos pensaram um instante que o Governo se interessava agora pela sorte e pelos problemas dos jovens e adultos que não têm outra possibilidade senão emigrar para sobreviver. Alguns pensaram também que passava a haver daí para diante um passaporte para quem o pedisse, direito que é reconhecido a todos os povos do mundo e apreçoado pela Declaração Universal dos Direitos do Homem e pela O.N.U. Nada disso. O Governo suspendeu simplesmente as leis antigas sobre a emigração clandestina para as substituir por outras mais «modernas», mais rigorosas e mais arbitrárias. O Governo procedeu como aquele que suspende uma pancada para dar outra com mais força. E' uma velha regra que nós já conhecemos...

A instrução que nos deram : A GANANCIA

Nem todos, compreendem que temos de nos ajudar uns aos outros, impondo a nós próprios o sacrifício. E não compreendem como provaremos com um exemplo, que é frisante de ganância, embora de projecção restrita.

E o caso do carteiro de Cete (C.T.T. - Valongo).

Pois esse homem acaba de sofrer uma dura prova do oportunismo de certas pessoas com posição de privilégio, e sente-se lesado.

E que precisando que lhe passassem à máquina um recibo (em como recebeu quantia determinada) foi a um sítio onde lhe pareceu haver máquina de escrever — ao Notariado de Valongo. Atendeu-o uma senhora :nem era a sra. dra. notária nem a ajudante D. Aninhas) e por meter o papel à máquina e escrever o recibo levou-lhe 30\$00!

Ora parece-nos que é dinheiro em exagero por serviço que não demorou mais de 5 minutos nem foi acto que obrigasse a reconhecimento notarial, registo ou outra operação oficial.

O pobre do carteiro sr. Nogueira pagou, que outro remédio não teve; mas disse mal da sua vida.

E por muita consideração que nos mereça essa senhora que levou os 30\$00, não podemos esquivar-nos ao modo de pensar de condenação e que mais não é do que um aviso para todos aqueles que abusam das circunstâncias.

(Correio do Douro — Valongo)

BASTA TER A INTENÇÃO DE EMIGRAR-PARA SER PUNIDO...

O Decreto-Lei agora publicado (24-12-69) estabelece que quem emigrar para o estrangeiro sem os devidos papeis é condenado a uma pena que vai de 500\$00 a 20.000\$00. SE ESSA FUGA É COM O PROPOSITO DE SE ESQUIVAR DO SERVICO MILITAR A PENA É DE 18 MESES A 3 ANOS DE PRISAO. Os passadores ou «engajadores» terão a mesma pena nos dois casos.

Repare-se bem que o Governo e a sua policia não pretendem condenar o cidadão que fôr apanhado a atravessar a fronteira sem passaporte, seria mesmo a única prova séria contra o «transgressor». Para que alguém seja condenado por este «crime» basta que TENHA O PROPOSITO DE EMIGRAR ou de se FUGIR AO SERVICO MILITAR.

Como vão eles saber que alguém; perdido na sua terra, tem «o propósito de emigrar»?

Respondo-vos por uma história que se passou com um amigo meu: O meu amigo foi preso por puro acaso; como nada tivesse a declarar ao chefe que lhe fazia um interrogatório, este virou-se furioso para o meu amigo e disse-lhe: «Fique sabendo que a policia portuguesa é conhecida no mundo por ser a única que faz falar os cadáveres; não se espante, pois se ouvir no tribunal, da minha boca: Senhor Juiz, juro-lhe pela minha honra que o cadaver falou, tenho aqui a sua declaração assinada por ele». Espero que tenham compreendido o que quiz dizer o policia...

E' assim que a policia portuguesa é eficaz. Ela faz duma pretensa intenção um facto consumado.

Mas quer ela seja eficaz quer não, os jovens portugueses que tenham o propósito de emigrar não são menos inteligentes nem menos habilitados do que eles. E' evidente quem tem a intenção de fazer uma coisa «proibida» não manda tocar os sinos para o dizer a toda a gente!

Como é que tantas dezenas de milhares de jovens portugueses conseguiram esquivar-se da guerra colonial e vir para o estrangeiro?

A policia portuguesa e o consulado fazem circular frequentemente o boato de que os refractários ou desertores da guerra vão ser expatriados pelo Governo Francês, ou que as suas familias serão inquietadas em Portugal. Não acreditem nesse género de histórias! Elas são inventadas e postas a circular pelos agentes da policia portuguesa e pelos angariadores de mão de obra, mais do que barata, para Cabora-Bassa e outros empreendimentos coloniasistas.

O Governo Francês sempre applicou uma regra que é sagrada para as leis francesas tradicionais: acolher e legalizar o emigrante, sejam quais forem as causas por que ele emigrou.

Enviados a juizo

SEIS GRUPOS DE ENGAJADORES DE EMIGRANTES CLANDESTINOS

Com este titulo retiramos de um jornal portuguez a seguinte noticia:

As zonas da fronteira pertencentes a Sabugal e Guarda foram as preferidas para fazer passar grupos de emigrantes clandestinos, com destino a França e Luxemburgo, num total de mais de cem individuos. Estes foram aliciados por seis grupos distintos de engajadores, que, descobertos, foram agora enviados a juizo com os respectivos processos, a somar a mais de 300 (respeitantes a aproximadamente 500 arguidos) que desde o começo do ano a P.I.D.E. enviou aos tribunais.

Nestes seis processos, que se revestem de especial importância, são arguidos Mário Francisco Lopes; Alfredo Martins da Silva, o «Torradas»; Fernando Calado Alves Frazão; Joaquim Pereira Felizardo; Francisco Renato de Oliveira Luis, o «Bigodes»; Manuel Francisco de Almeida Torres; Esperança do Céu Marques Silva; Bartolomeu Martins de Fonseca; José Frazão Letria dos Santos, o «Zeca»; José Vieira Alves Júnior; Manuel Agostinho da Graça ou Manuel Agostinho ou Manuel Gonçalves, o «Manuel das Bicicletas»; Manuel Costa Silvestre e outros, que actuavam no distrito de Santarém; Maria Irene Guerra de Oliveira; Mario Joaquim Gomes Francisco; Miguel da Assunção das Neves, e outros, que operavam na zona de Cantanhede e Leiria; Antonio Luis Pereira de Carvalho; Domingos Pascoal de Magalhães Ribeiro; Antonio das Neves, o «Coimbra»; José Santos da Fonseca, e outros, que cobriam Oeiras, Santa e Torres Vedras; José Lourenço Neto; Antonio de Jesus Branco, o «Antonio Bento»; Maria Emilia Alves Silvestre; Ramiro Nabais Durão; José Casanova Fernandes; Antonio Gonçalves Sanches ou Antonio Salvador, e outros, na região de Santarém, Torres Vedras, Caldas da Rainha e Alco-baça; Ramiro Nabais Durão e Antonio Gonçalves Afonso, o «Tô» ou «Tô Catarina», que actuavam na região de Sabugal.

De todos estes arguidos, que receberam cerca de mil contos, no total, pela saída clandestina dos emigrantes; uns foram detidos e caucionados ou entregues ao tribunal; outros, ausentaram-se para parte incerta, não sendo, por isso, ouvidos.

Dos autos foram extraídas cópias, originando pelo menos 15 novos processos, que seguiram, a maioria, para juizo nas várias comarcas onde os grupos actuavam.

Se estes homens são julgados como vulgares criminosos onde estão os verdadeiros culpados?

Com que interesse o Governo Português se recusa a dar passaportes a todos aqueles que querem emigrar servindo-se dos pretextos mais diversos?

Não serão aqueles que conhecendo ou mesmo participando no SALTO dos trabalhadores portugueses e que continuam a não querer facilitar a vinda dos emigrantes, que são os verdadeiros responsáveis da existencia dos engajadores?

E se não fosse a existencia desses engajadores (que diga-se de passagem se fazem pagar bem) como poderiam os trabalhadores portugueses fugir à vida de miseria que tinham em Portugal?

O que sao os clubes de jovens

São grupos de rapazes e raparigas, franceses e portugueses que procuram viver em camaradagem; são locais onde esses jovens se encontram para organizarem as suas actividades, para se distrairem, para se conhecerem. Organizam-se festas, bailes, excursões, aprende-se o francês, faz-se teatro, cinema, fotografia, desporto.

Um club de Jovens não é um grupo de futebol. De futebol, dizem os jovens do Club de Paris, ja estão eles cheios! E já não é nada de original, porque toda a gente pode dar pontapés na bola!

Existem já na região de Paris os seguintes Clubs de Jovens:

- Club dos Jovens Portugueses de Paris — 3, rue Récamier, Paris-7^e.
- Club Franco Portuguez da Juventude — 70, rue F.-Miron, Paris-4^e.
- Club dos Jovens Portugueses de Houilles — M.J.C., 2, rue du Dr Zamenhoff, 78 - Houilles.

● Na provincia: Club dos Portugueses de Toulouse — 3, rue de la Madeleine, 31 - Toulouse.

Outros Clubes estão em formação de que vos daremos noticia quando já estiverem a funcionar.

Quase todos estes clubes foram criados por um club ou associação já existente. Os portugueses interessados em criar um club na terra onde moram nada mais têm a fazer do que contactar um daqueles Clubes ou o nosso Jornal. Para isso recortem e preencham este talão e enviem-no para o «Jornal do Emigrante».

NOME :

MORADA :

Desejo que um club de jovens seja criado na zona onde habito; estou pessoalmente interessado em colaborar nele.

A poesia é uma forma de comunicarmos uns com os outros.

Mas a poesia só é válida quando está em defesa e ao serviço dos trabalhadores.

Da liberdade que não conheci desconfio bastante desta que me dão nada quero não.

Ser livre de trabalhar de obedecer a quem me comanda não pode ser.

Também me dão a liberdade de ser explorado e de me calar... Estou desconsolado.

Doutra liberdade que não conheço desconfio bastante desta que me dão nada quero não.

É bem fácil falar mas a liberdade só é boa quando temos de pão a boca cheia

Por isso nada quero de qualquer liberdade Sim quero ser livre mas assim não.

Porque liberdade eu desejo também mas somente aquela que me convém.

Gilberto BANDEIRA

Este é o teu Jornal Da-nos a tua opinião

Escreve-nos para

3, rue Récamier - PARIS-7^e

Entrevista com DAMAS guarda-redes do Sporting

As necessidades de renovação dos nossos quadros futebolísticos vieram revelar, e trazer até admiração do público, um grupo de jovens descomprometidos que depressa se conseguiram impor.

Damas, guarda-redes do Sporting, é um deles. A caminho do vedetismo, não se deixou, no entanto, alienar (por enquanto) ao sistema que lhe exige

cada vez mais vitalidade (condescendências) e entrega.

Para o entrevistarmos foi-nos necessário satisfazer formalidades (autorizações, censuras) (1) deveras humilhantes e violentas, já que na nossa terra os idolatrados futebolistas não têm sequer autonomia para falar — para se assumirem como seres adultos e responsáveis.

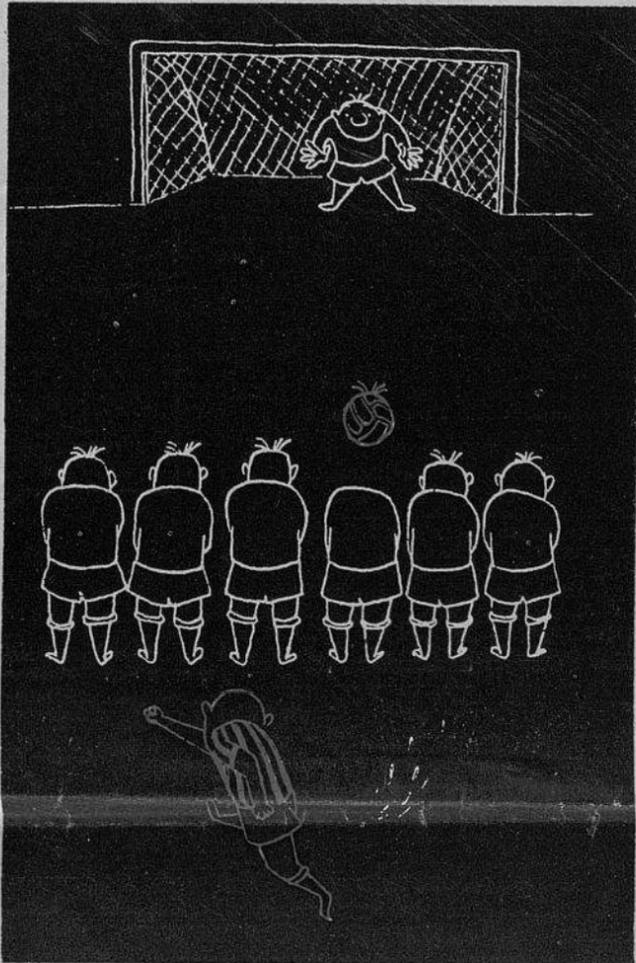
« QUEM NOS PODIA AJUDAR ERAM OS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO... »

— Profissionalmente temos de nos sujeitar às ordens que nos dão, o que se compreende... Mas particularmente, a um nível pessoal, as restrições que nos são postas impedem-nos de dizer tudo aquilo que pensamos, impedem-nos de nos defender e de chamar a atenção para muitas coisas que estão mal e não têm o direito de estar.

« Não temos, por exemplo, nenhuma segurança nem ninguém que nos defenda. Não temos sindicato nem nenhuma dessas histórias. Por isso, quem ainda nos podia ajudar eram os órgãos de informação na medida em que revelassem, denunciasses aquilo que não está certo.

— Mas há outros aspectos onde se verifica idêntico controle ?

— Não, este é o único. As outras exigências são vulgares, são exigências comuns a qualquer empregado... Quando assinamos o contrato dão-nos o estatuto a ler. Além disso já estamos suficientemente preparados para a vida do futebol. Eu estou aqui desde os 12 anos. Comecei quando andava a estudar. Entrei para os júniores onde ganhei o primeiro dinheiro... é claro que



não dava para viver, eram 500 escudos por mês. Foi nessa altura, porém, que comecei a ver que tinha possibilidades dentro do futebol, aliás toda a gente me incitava. Desde muito novo que contacto com isto por dentro, que me familiarizei com este ambiente.

« HOJE HA MENOS JOVENS NOS ESTADIOS »

« Para lá destes aspectos, as nossas condições têm, no entanto, melhorado bastante ultimamente como seja o que se refere aos pagamentos... »

— Quanto ganha um futebolista ?

— Quatro mil escudos, ordenado igual para todos. O que varia, consoante a categoria de cada um são as luvas... um pode receber 20, outro 200 contos.

— Já reparou que o futebol deixou de interessar aos jovens... ?

— De facto hoje há menos jovens nos estádios, mas isso deve-se à existência de outros passa-tempos e espectáculos. Antigamente havia apenas o

futebol (ou quase) e as pessoas não tinham mais nada pelo que se interessavam mesmo pela bola. Eu quando era jovem, aqui há uns 10 anos atrás, quero dizer, quando era mais jovem, só tinha o futebol. A juventude de agora tem mais sorte, é mais esclarecida e exigente, dispõe de outros motivos de interesse e dedica-se, porque o pode fazer, a coisas mais importantes. Se eu começasse agora era natural que tivesse outras preferências. Assim gosto do futebol e não estou nada arrependido, pelo contrário. Gosto do futebol e de tudo o que ele proporciona...

« SE NOS ACONTECE UMA FATALIDADE SÓ NOS RESTA QUE NOS FAÇAM UMA FESTA DE HOMENAGEM »

— Quais são as maiores preocupações que afligem, aqui, um jogador ?

— A insegurança. Podemos ficar lesionados (eu como guarda-redes estou particularmente sujeito a isso), aleijados mesmo e não temos nenhuma protecção, não temos nada sob este aspecto. Não há sequer um seguro social, por exemplo, não há nada dessas coisas que costuma haver noutras profissões.

« Se nos acontece uma fatalidade só nos resta esperar que um senhor bondoso nos faça uma festa de homenagem que renderá 100 ou 200 contos, o que não resolve nada. E isso numa altura em que normalmente já temos a nossa vida montada, já somos casados, já

temos filhos... com que segurança se pode viver nestas circunstâncias ?

« Fala-se na criação de um sindicato, mas para se conseguir uma coisa dessas é necessário que sejam os mais velhos a actuar porque são eles que têm a força, o prestígio... O José Augusto, por exemplo, já recolheu uma série de assinaturas (eu também assinei, claro) para uma exposição que foi feita há cerca de dois anos. A coisa, porém, não andou para a frente. É que se levantam muitas oposições e interesses contra... os próprios clubes não estão muito interessados e eles é que têm a grande força, eles é que fazem girar isto tudo.

— Que pensa das atitudes de contestação que começam, finalmente, a verificar-se entre nós — caso do Eusébio, por exemplo.

Apoio-as sem reservas. Pois se lá fora isso se faz, se isso é normal como processo dos desportistas se defendem, porque não havíamos nós de fazer o mesmo ? Somos profissionais como eles. Tudo isso que se passou é consequência de uma evolução natural que se verifica no meio desportivo... Há motivos, assim, para confiar no futuro e em melhores condições. No entanto não vou ficar à espera que as coisas melho-

rem por si, vou tentar defender-me por mim mesmo e subir dentro do prazo de tempo mais curto possível. No fundo é o que os outros fazem.

— Vai entrar também na luta individualista, no salve-se quem puder... ?

— Que outra solução me resta ? Tem de ser, pois se há dois anos que fizemos essa listazinha de assinaturas e ainda não vimos nada... Não posso desperdiçar nenhuma oportunidade que surja agora. Depois seria tarde. Por isso tenho de me segurar na vida o mais depressa possível.

« AS MODALIDADES AMADORAS DEVIAM SER MANTIDAS SEM SEREM OBRIGADAS A SOCORRER-SE DE PEDITORIOS »

— Tem consciência de o futebol estar a viver à custa do sacrifício de todo o desporto amador ?

— Bom, isso é já política... todas as modalidades desportivas vivem com dificuldades. É fácil vermos na T.V. e nos jornais os seus responsáveis chorarem e lançar ao mesmo tempo apelos... são apelos para o atletismo, para o tiro, para a natação, para o ciclismo, para a ginástica, para o não sei quê. Ora isso não está certo. As modalidades amadoras devem ser fomentadas e mantidas sem serem obrigadas continuamente a socorrer de peditórios. Assim não pode ser. Tirarem-nos a nós, profissionais (e algumas vezes não recebemos o ordenado no dia marcado porque não há dinheiro devido aos encargos com essas modalidades) é que não me parece

justo. O futebol é que tem de pagar tudo, aqui ! Tudo isto do desporto gira à volta do futebol... Vamos a fazer as contas do ciclismo, por exemplo, é uma despesa astronómica... Organiza-se um circuitozinho, traz-se cá o Adorni, e faz-se o quê ? 20 ou 30 contos que não dão sequer para as suas deslocações.

— E parece-lhe que o futebol tem assim tanta utilidade pública que justifique semelhante desequilíbrio ?

— Acho que não. O futebol apenas pode ser útil como espectáculo. Mesmo no aspecto físico há outros desportos melhores para cultivar as pessoas. A ginástica, por exemplo, é muito mais formativa e elegante. Aliás eu não considero hoje o futebol já um desporto, considero-o unicamente um espectáculo.

Fernando DACOSTA

(1) - ESCLARECIMENTO AOS LEITORES. — Um dos condicionalismos que o jornalista português enfrenta ao pretender entrevistar jogadores de futebol é, primeiro, a aquiescência dos clubes e, depois, a sua aprovação às declarações feitas — antes de publicadas.

Submetemo-nos ao ritual. Terminada a nossa reportagem com Damas (cutelosa e superficial) enviámo-la à Direcção do Sporting que nos informou, dias mais tarde, pelo telefone, ter sido ela proibida. Particularmente foi-nos dito que essa decisão tinha sido provocada pelas considerações que escrevemos a abrir o artigo. Mais : que a Direcção do Sporting zehra essas considerações

de tal modo contundentes que nem sequer lera a entrevista.

Ora, como é óbvio, a única coisa que os clubes podem (?) censurar é o depoimento dos seus jogadores (por isso mandámos a peça completa) e nunca as palavras dos jornalistas — para as quais já existe, aliás, uma censura.

Semelhante atitude ultrapassa, naturalmente, o plano das relações entre empresas desportistas e imprensa. Em face disso (não somos empregados do Sporting) sentimo-nos desligados de compromissos e publicamos na íntegra a entrevista em causa.

F.D./C.F.

COMENTARIO

Esta entrevista do guarda-redes do Sporting, Damas, é significativa da situação do Desporto em Portugal.

Tiramos duas conclusões que supomos todos os nossos leitores compreenderão :

1º) em Portugal não existe desporto como educação física, mas apenas desporto como mercadoria. Os jogadores de futebol, são explorados pelas grandes empresas, quer elas se chamem Sporting, Benfica, F.C. Porto, Belenenses e outros.

Os clubes não são dos sócios, nem dos atletas, são dos capitalistas portugueses, os banqueiros e os administradores de empresas que dão dinheiro para « compra e venda » de jogadores, utilizando-os como « mercadoria », como utensílios de concorrência.

Por outro lado, quando os jogadores querem formar um sindicato, os patrões tentam impedi-los, tentam dividi-los.

É o que se passa com os operários da Lisnave, da CUF ou doutras empresas, em que os patrões perseguem os operários, quando estes se organizam nos sindicatos.

É esta a liberdade que os grandes proprietários apregoam.

Eles criaram o futebol e desenvolvem-no para melhor nos explorar.

« Enquanto o Zé Pagode pensa no futebol, não faz contas à vida ».

Por isso eles inventaram o totobola, por isso eles distribuem grandes somas de dinheiro aos grandes clubes, para que o futebol continue a servir de « canção de embalar » para os trabalhadores.

2º) Outra conclusão que podemos tirar, é a censura da imprensa portuguesa.

Um jornalista, que queira informar os seus leitores, mesmo com a entrevista a um profissional de futebol, antes de passar pela censura do governo, é obrigado a passar pela censura dos patrões.

É assim que os governantes portugueses, aliados aos patrões (da CUF, da LISNAVE, da PENTEADORA, LDA., do BENFICA, da RABOR, da COVINA, etc.), respeitam o povo português : enganando-o, proibindo os trabalhadores de se informarem e de se esclarecerem.

ESCREVA-NOS. Diga o que pensa dos desabafos do DAMAS !

ALUGA-SE EUSÉBIO COM VISTA PARA AS BALIZAS...

O Benfica há muito que decidiu e fez constar que o seu famoso jogador Eusébio era inegociável. Eusébio faz parte do património do glorioso clube, sendo, portanto, intocável...

Mas os clubes estrangeiros que cobiam o moçambicano não desarmam e, agora, surge na Imprensa do Brasil a notícia de que o Vasco da Gama está interessado em Eusébio. E se não o puder comprar — como tudo leva a crer — o Vasco da Gama está na disposição de conseguir obter o concurso de Eusébio por... « aluguer ». E para já paga por um « aluguer » de seis meses a bonita quantia de 3500 contos — igual ao que o Benfica deu ao jogador por três anos. Mas que rico negócio ! Se a coisa pega, vamos ter nos jornais

mais uma secção de anúncios de alugueres de jogadores, como já há para os quartos e para as partes de casa com serventia de cozinha.

Em relação ao que se diz do caso de agora do « aluguer » de Eusébio, o anúncio do Vasco da Gama pode ser assim :

« Jogador precisa-se com vista... para as balizas do adversário e com serventia... do seu nome de « vedeta » para obtenção de receitas. Não precisa de ter porta para a escada... que é para não fugir e o podemos devolver daqui por seis meses ao seu dono. »

A Capital (26-1-70)

Quando dizemos que o futebol não é desporto, mas uma mercadoria, não nos enganamos...

DO EMIGRANTE

Livres opiniões

SO A UNIÃO FAZ A FORÇA

Nós que somos trabalhadores, os condenados a viver do fruto do trabalho, ou melhor, condenados a viver dum salário que nos dão em troca do nosso trabalho, temos necessidade de nos defendermos contra os ricos, contra aqueles que possuem tudo, até o dinheiro com que nos pagam.

Sim, porque se somos nós que trabalhamos, são eles que dividem os ganhos criados com o nosso esforço diário, e já lá diz o velho ditado que « Quem parte e reparte fica com a melhor parte. »

Ora os ricos, os patrões, são os que recebem os lucros das fábricas, isto é, o fruto do nosso trabalho. São eles que partem e repartem, portanto guardam a melhor parte. Nós que nem partimos nem repartimos, só recebemos aquilo que eles nos dão. Como eles não nos dão grande coisa, somos obrigados a reclamar um pouco mais para que sejam menos pobres.

Como fazê-lo? Separados, um a um? Não: o melhor meio que nós temos de lutar contra os ricos é unirmo-nos todos. Os trabalhadores reunidos na mesma luta são uma força grande e inquebrantável. Imaginai que todos os trabalhadores fazem greve e vereis como tremem os patrões. É que se os trabalhadores deixam de fazer mover as máquinas, pára a produção e páram pela mesma razão os lucros do patrão. Nada há de mais eficaz do que a união de todos os trabalhadores.

As organizações em que os operários se unem, para melhor se defenderem, chamam-se sindicatos.

É portanto de interesse capital, para todos os trabalhadores, aderirem aos sindicatos, pois já vimos que é aí que se reúne a força dos operários, na mesma luta contra os patrões.

Para aqueles que não acreditam na força dos sindicatos, vou contar o exemplo da fábrica em que trabalho: Ripolin Georget, de Vitry.

Quando entrei na fábrica, em Janeiro de 1969, não havia nenhum sindicato. O patrão pagava uns salários miseráveis e para ter uma paga de oitocentos francos no fim do mês, era preciso fazer um horror de horas suplementares. As condições de trabalho eram muito difíceis; trabalho ao ar livre no Inverno, o que o tornava ainda mais duro, pelo facto de ser um trabalho de pouco movimento. Havia uma desorganização total, o que fazia com que o esforço dispendido fosse muito superior ao normal. Havia mesmo uma grande divisão entre os operários, devido aos aumentos de salário que o patrão concedia a uns e a outros não.

Diante desse estado de coisas, era urgente que os trabalhadores fizessem algo para remediar o mal.

Discutindo com outros camaradas, chegámos à conclusão que um sindicato era necessário e pusemos mãos à obra para instalar um lá dentro.

O patrão opôs-se, mas diante da nossa determinação (pois nós fazíamos reuniões fora da fábrica) ele teve que ceder.

Hoje temos delegados do pessoal, e oitenta por cento dos trabalhadores são sindicalizados. As condições de trabalho melhoraram imenso e os salários aumentaram quase quarenta por cento.

A nossa luta, entretanto, continua, porque a nossa união é grande e o patrão tem medo que a gente desencadeie um movimento de greve para o mês de Março (época de muito trabalho).

Ainda temos muita coisa a fazer, mas nós vamos realizá-la, porque é a nossa união que faz a nossa força.

Gil SABA

■ **Escreve-nos! Diz-nos o que pensas dos sindicatos. Dá a tua opinião. Unidos seremos mais fortes!**

NÃO, OS TRABALHADORES ESTRANGEIROS NÃO TIRAM O TRABALHO AOS FRANCESES!

O facto do desemprego aumentar, tem feito ressurgir as velhas atitudes sobre o trabalhador estrangeiro: desconfiança, hostilidade, mesmo racismo para com aquele tomado como um concorrente, que faz pressão sobre os salários, o parasita que vem buscar ao trabalhador francês o seu pão, o seu alojamento. Esta atitude é muitas vezes utilizada por um certo patronato que se aproveita para explorar duplamente o trabalhador estrangeiro, particularmente no domínio dos alojamentos, das condições de trabalho e de segurança de emprego. É necessário portanto que sejamos informados dos verdadeiros dados do problema.

O NIVEL DE VIDA FRANCES DEPENDE EM GRANDE PARTE DOS ESTRANGEIROS!

Se os franceses se encontram actualmente no grupo de vanguarda na corrida mundial à riqueza, é graças à expansão espectacular que conheceu a economia francesa nos últimos 25 anos. Ora, todos os economistas estão de acordo para pensar que:

— Esta expansão não teria sido possível sem o aumento do número de trabalhadores;

— Este aumento da população activa (em idade de trabalhar), deve-se, essencialmente, ao pequeno número de nascimentos franceses antes da guerra, à introdução de trabalhadores estrangeiros.

Um único número: a população activa aumentou em França de 108 000 unidades entre 1954 e 1962: 3 000 franceses e 105 000 estrangeiros.

Sem trabalhadores estrangeiros, não haveria expansão, o que significa que actualmente as ofertas de emprego seriam ainda mais reduzidas do que são neste momento e que a situação dos jovens franceses seria ainda mais catastrófica.

TRABALHADORES QUE DÃO LUCROS A ECONOMIA FRANCESA

1). Quando chegam à França são adultos e portanto a sua formação não custou nada à economia francesa: se calcularmos 1 franco para a despesa diária para a educação duma criança, a 1 milhão o número de trabalhadores estrangeiros com emprego em França e a 15 anos o tempo necessário para chegar à idade adulta, isto representa mais de 15 biliões de francos actuais, de economia!

2). Por outro lado, o consumo estimula numa proporção apreciável a indústria francesa: sabe-se, por exemplo, que os Argelinos deixam cerca de 2,5 biliões de francos novos cada ano em França? Isto representa um certo número de encomendas a empresas francesas e portanto, empregos criados em França.

3). Os empregos que ocupam os trabalhadores estrangeiros são geralmente situados nos sectores de base: minas, agricultura, siderurgia, construção civil. A actividade destes sectores é indispensável ao funcionamento da economia. Ora, se eles estivessem paralisados por falta de mão-de-obra, o número de desempregados contar-se-iam por milhares em todos os outros sectores de actividade que dependem destes sectores de base: profissões ligadas à construção civil, metalurgia, etc...

4). Dificilmente os estrangeiros poderiam ser substituídos nestes empregos pelos franceses. Qual é o jovem francês que sai da escola técnica e que aceitaria trabalhar de pá e pica na construção civil, de abrir um passeio com uma perfuradora ou tornar-se operário agrícola?

TRABALHADORES FRANCESES E EMIGRADOS, TODOS UNIDOS

Em conclusão duas coisas aparecem claramente:

1). A substituição dos trabalhadores estrangeiros pelos franceses seria:

— um golpe profundo ao princípio da solidariedade operária que não conhece fronteiras nem raças;

— uma injustiça grave feita a trabalhadores que contribuíram numa grande proporção a criar a riqueza actual da França;

— uma realização impossível na medida em que na maioria dos casos isto constituiria uma desclassificação para os franceses e uma impossibilidade de utilizar a formação profissional que receberam;

— uma medida perigosa que riscaria de agravar as dificuldades actuais da francesa e, em vez de remediar, acentuaria o desemprego.

2). Nunca foi benéfico para os trabalhadores deixarem-se pôr em concorrência uns contra os outros. O verdadeiro problema não é de saber quem deve estar desempregado: o francês ou o estrangeiro.

Pôr o problema assim, afasta os trabalhadores do problema essencial: a luta reivindicativa por uma política económica dinâmica, capaz de resolver e fornecer trabalho a todos, franceses e estrangeiros.

(Da revista « Syndicalisme », março 1968)

O BANCO PROMOVE UMA SUBSCRIÇÃO

Para comprar uma carrinha

O jornal « Correio Português » é um jornal patrocinado e pago pelo Banco Franco-Português, da rua do Helder, perto da Opera. A associação de que esse jornal diz fazer parte tem por finalidade de crear uma rede de « reções publicas » na emigração portuguesa para que o dinheiro entre mais facilmente na banca: uma espécie de correia de transmissão entre os trabalhadores portugueses emigrados e o banco que vive das suas economias...

Ignoramos se o banco paga um salário decente aos seus empregados como não sabemos igualmente se os empregados se habituam ou não ao metro, autobus e outros transportes em comum. O que sabemos é que os empregados do Banco, que fazem também esse jornal decidiram abrir uma subscrição para comprar uma carrinha...

Pretendem assim pregar uma boa partida aos trabalhadores portugueses: ir a casa deles buscar o dinheiro numa carrinha paga directamente por eles!

Aos banqueiros portugueses tudo é permitido menos tirar olhos...

Depois da carrinha comprada e paga, outras subscrições poderão ser

abertas: para construir uma nova sede do banco, para comprar uma mercedes para o senhor director para pagar o « loyer » do apartamento da filha deste, para pagar os empregados...

Não pensem os nossos amigos que é por prazer de « dizer mal » que denunciamos esta exploração vergonhosa. E' que nós ouvimos também da boca desses banqueiros e do jornal que, se eles cá estão é para vos servir; « até vos dão um espectáculo no Natal com o Artur Agostinho e o Calvário... »

Se caíres no desemprego ou tiveres um azar na tua vida experimenta pedir a esses sujeitos um bilhete de comboio ou 20 F para comer!

Aproveito a oportunidade para lembrar a todos que, para transferir dinheiro para Portugal não há nada mais prático, barato, económico e rápido do que ir a um qualquer « bureau de poste » e preencher um « mandat international ». As tuas economias chegam ao mesmo tempo a Portugal que uma carta posta no mesmo dia. A tua família receberá o teu « mandat », ao cambio oficial, nos correios da tua terra.

Lê e assina
“JORNAL do EMIGRANTE”

VITIMAS DE ALOJAMENTOS INSALUBRES : 18 PORTUGUESES MORTOS

- António José Folgado, 16 anos, vivendo em Paris.
- 5 portugueses mortos em Bordéus.
- 1 criança da família Freitas de Clermont-Ferrand.
- Abílio Vaz Lopes e mulher de 27 anos, vivendo em Pau.
- José Domingues Soares, 36 anos, sua mulher e duas filhas, foram descobertos mortos na sua residência ao cabo de duas semanas.
- 5 portugueses mortos em Grenoble.
- A esta lista de portugueses (até ao dia 22 de Janeiro), juntam-se os 5 trabalhadores africanos de Aubervilliers, um trabalhador turco na Meuse e todos os acidentes de Saint-Denis, Argenteuil, etc..

A França precisa dos trabalhadores estrangeiros. Sem eles, o seu desenvolvimento económico não teria atingido a posição internacional em que a França é considerada uma grande potência.

Mas, a França não tem tido em conta a situação de alojamento, as condições humanas a que deviam ter direito os estrangeiros.

Os trabalhadores, habitam « casas, quartos e barracas », onde a humidade e as possibilidades de doenças são enormes. Porque não têm aquecimento, ou falta a luz, ou a água é imprópria para consumo, etc...

3 MILHÕES DE ALOJAMENTOS NESTAS CONDIÇÕES

É por esta razão que num curto espaço de tempo, 18 compatriotas (de que tivemos notícia), morreram vítimas das condições de alojamento.

Ao tentarem aquecer-se, fechando todas as frinchas e arestas, foram asfixiados pelo óxido de carbono, vindo dos fogões ou dos fogareiros.

São mais uns tantos que perderam a vida ao serviço do estrangeiro.

Tal como em Angola ou Moçambique, os jovens trabalhadores portugueses perdem a vida ao serviço dos capitalistas internacionais, em França os trabalhadores, de que a nossa terra tanto precisa, perdem a vida ao serviço da indústria francesa.

OS RESPONSÁVEIS

Os responsáveis são muitos, e começam logo na nossa terra. Os patrões, nos seus cálculos para obterem maiores lucros, não se incomodam com estas situações.

Todos estes « foyers », bairros de lata, hotéis familiares, matam alguns e fazem engordar outros. E todos os gerentes, « concierges », « Julliens » (conhecido dos habitantes do bidonville de Massy), são os agentes da exploração, assim como os « passadores », aqueles que nos preenchem papéis, etc... Os verdadeiros responsáveis são os patrões, aqueles que possuem o capital, que desta maneira também o fazem render.

É este o preço das divisas que os senhores do governo de Lisboa ganham, à custa do esforço do emigrante, à custa dos jovens e dos trabalhadores que tiveram de fugir para França.

O governo, sob o reinado de Salazar ou Caetano, continua a viver e a fazer a guerra em Africa, graças ao preço por que vende os trabalhadores à França, à Alemanha, à Bélgica, ao Luxemburgo, etc...

IVRY - OS NOVOS NEGREIROS

Há 6 meses que 700 africanos faziam greve dos alugueres. No dia 10 de Janeiro passado, ocuparam o escritório do proprietário daquele « foyer ».

Porquê?

Porque naquele foyer apenas havia: 4 torneiras de água para 700 pessoas, sem ventilação nem aquecimento; 2 metros quadrados por residente; sujeitos a epidemias. Além disto, há já 6 meses que o proprietário tinha cortado a água e a luz.

Aqueles trabalhadores queriam um foyer decente para todos: porque pagam para isso, mesmo através dos salários onde lhes descontam uma parte para a construção de foyers. Há 5 anos que a Prefeitura lhes dizia que aquele alojamento era provisório.

Foi por todas estas razões que os habitantes do foyer decidiram passar à acção, certos que esta era a única forma de obter a solução dos seus problemas imediatos.

E já ganharam em parte! As autoridades alarmadas pelas proporções que

(CONTINUA NA PAG. 7)

A guerra colonial



Historias da guerra

■ GUINÉ

Depois da Companhia acabar a especialidade, fomos fazer operação a Jabada, onde como sempre partimos de Bissau em pequenos barcos da Marinha e de noite, até à zona da operação onde desembarcamos numa bolanha e partimos pelo mato fora para chegarmos ao objectivo de manhã cedo. Em Jabada desembarcamos no porto de Jabada e partimos pelo mato fora debaixo de grande tempestade para chegarmos ao objectivo às seis da manhã. O objectivo era um acampamento de população civil; a cerca de 80 metros do acampamento os comandantes com a companhia toda em linha mandaram a companhia disparar sobre o acampamento, todo o potencial de fogo possível - matando cerca de 20 pessoas às quais cortaram as orelhas, etc... A maior parte do pessoal tinha conseguido fugir, trouxe debaixo de prisão e que eram da família dos guias, no acampamento foi roubado tudo o que se pode roubar, foram incendiadas e destruídas todas as tabancas, etc...

Noutra operação que fomos fazer à zona de Binar, por todos os acampamentos de população civil onde passávamos lhe eram roubadas as vacas e os cabritos que depois vêm para Bissau nos barcos da Marinha, como aconteceu pouco antes de eu desertar, em que uma companhia de paraquedistas, foram à zona de Jabada e roubaram cerca de 200 vacas, à população assim como incendiaram e destruíram todo o acampamento e trouxeram para o porto de Jabada cerca de 140 pessoas que lá se encontravam na povoação.

Eu desertei porque, sendo eu alentejano, sei bem a miséria que lá há na província do Alentejo, sei muito bem a exploração de que o nosso Povo é alvo por parte dos capitalistas, pois todo o Alentejo é só de cinco ou seis homens, eu, assim como dezenas e dezenas de milhares de pessoas, tivemos que abandonar a província e as famílias para procurar meios onde pudessemos sobreviver, pois caso nos conservássemos ao pé das famílias morreríamos de fome e miséria, sei muito bem que os salazaristas fazem das religiões políticas para enganar o Povo pois, enquanto o povo vai acreditando em Deus, não se revolta contra o governo; uma vez chegado à Guiné toda a cultura que vi era da C.U.F., da Ultramarina, ou da casa Gouveia, e logo verifiquei que não andava a defender os interesses, o roubo e os crimes dos capitalistas, compreendi que nós os soldados portugueses, andamos errados, iludidos, enganados; compreendi que os fascistas aproveitam o atraso dos soldados para nos explorarem a nós e aos povos das colónias, compreendi que os salazaristas são a maior quadrilha de bandidos e de assassinos que têm actuado no mundo do crime. Ao compreender tudo isso, não podia mais andar debaixo do domínio dos fascistas, e foi por isso que desertei.

(Depoimento do desertor Manuel Veríssimo Vizeu, 1º cabo de comandos, nascido em 1946 em Corvos, Mértola. Em Portugal era serralheiro civil. Possui o 2º grau do ensino primário.)

ESCREVE-NOS :
diz o que pensas da guerra colonial

O EXERCITO PORTUGUES RECRUTA JOVENS DE 16 ANOS

No Jornal de Noticias de 23-10-69, encontrámos o seguinte comunicado: « Os mancebos que no ano de 1970, completem 17, 18 ou 20 anos, bem como os que nesse mesmo ano completem 16 anos, até 31 de Março e desejem voluntariar-se no Exército, deverão consultar o edital sobre « Alistamento de Voluntários », que se encontra... etc... etc... »

São os frutos da guerra em Africa. A que ponto ela nos leva! Jovens com 16 anos já são convidados a participar na guerra colonial. Não seria mais que normal e lógico que se mandassem essas crianças para uma escola? Onde pudessem aprender o que mais tarde lhes será necessário para trabalharem para o País? Mas para isso seria necessário que se acabasse com a guerra, e que com o dinheiro que ali se queima, se construíssem as escolas de que temos necessidade e que não existem.

4 anos de tropa é demais, mas aceitar crianças de 16 anos, que nem sequer sabem o que é a guerra, é CRIMINOSO!

... AINDA CABORA-BASSA

A Suécia, recusou-se a participar nos trabalhos de barragem de Cabora-Bassa porque, afirmou o informador sueco, esta obra, não é senão mais uma maneira de continuar a explorar vergonhosamente e a manter na escravidão, povos que apenas, mas firmemente, aspiram a liberdade a que têm direito.

NATAL DO SOLDADO

« O Movimento Nacional Feminino e a secção auxiliar Feminina da Cruz Vermelha uma vez mais se meteram de ombros, com o propósito de levar a todos os nossos militares que se encontram no Ultramar um pouco de conforto e carinho nesta quadra festiva do Natal. »

Era assim que começava um artigo do jornal « Diário Popular ».

Evidentemente que nem todos os Portugueses contribuem para esta campanha do « Natal do Soldado ». Mas ainda há quem, conforme as suas possibilidades deia alguma coisa. E também é certo que, ao contrário do que dizia esse mesmo jornal, nem todos os soldados que regressaram das colónias Portuguesas contribuem com donativos para tal fim. Eles lá têm as suas razões para procederem assim.

A campanha ou peditório para o « Natal do Soldado » é feita em todo o País. Mas em especial nos meios industriais. Os patrões encarregam-se eles mesmo de fazer o peditório ao pessoal das suas fábricas. E depois entregam a soma que bem entendem, em seu nome pessoal, enquanto que ela tinha sido dada por todos os seus operários.

Para concretizar o assunto posso dar-vos um exemplo: na Marinha Grande, a fábrica da Indústria Vidreira de Manuel Pereira Roldão

O dia 4 de Fevereiro é uma data decisiva para o povo angolano. Nesse dia do ano de 1961, as forças do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), assaltaram as prisões de Luanda, para libertarem os milhares de patriotas que aí se encontravam prisioneiros.

■ ANGOLA

Aquele levantamento não se produziu isolado na história de Angola. Logo desde 1575, quando o navegador Paulo Dias de Novais, regressou de Baía de Luanda, onde os portugueses tinham chegado em 1482, aquele estava já decidido, a impor pela força a sua autoridade aos reinos africanos.

Para impor a sua autoridade, Portugal durante três séculos, fez guerras e mais guerras ao povo africano, destruindo aldeias, assassinando os reis assim como os vassallos que se lhes opunham.

ESCRAVO AFRICANO E PIMENTA INDIANA

Desde o século XVI, Portugal descobriu um novo tipo de negócio, que se mostrava mais lucrativo que a pilhagem das Índias longínquas — A VENDA DE ESCRAVOS — que durou até ao fim do século passado, século que encontrou a Africa esvaziada de mais de três milhões de escravos que eram enviados para o Brasil e o resto da América (dos quais a maior parte morria antes mesmo de chegar à destinação).

Não faltou resistência, como a célebre rainha Ginga Mbandi, o rei Mandume e outros.

Desde a 1ª Guerra Mundial a opressão colonialista redobrou de esforços.

O grande afluxo de emigrantes portugueses, começa após o fim da 2ª Guerra Mundial: em 20 anos a população branca aumenta de 4 vezes; os africanos eram espoliados das suas terras a um ritmo crescente, o número de trabalhadores forçados, a miséria, a opressão, a brutalidade coloniais, ganhavam todo o país.

PRISÃO E TORTURA PARA OS ADVOGADOS DO POVO

Em 1956 foi criado o MPLA, (por vários patriotas entre os quais o actual dirigente, Dr Agostinho Neto), que tentou durante 5 anos resolver pacificamente o problema, propondo negociações com o governo português, pedindo a ser recebido.

Como resposta, as prisões iam-se

enchendo de todos aqueles que reclamavam para o povo angolano o respeito pela dignidade humana, a saída de todo um povo da condição de escravidão em que se encontrava.

Assim para pôr cõbro às vagas de prisões e para libertar todos aqueles que já lá se encontravam, o MPLA no dia 4 de FEVEREIRO de 1961, atacou as prisões de Luanda.

Nos dias seguintes, ferozes represálias da parte do governo português, abatem-se sobre a população: uma matança de mais de 3 mil africanos.

Um grande movimento popular de reivindicações surge então por toda a parte. O povo angolano não se deixa intimidar e resiste, passando à ofensiva. Ajudados pelo MPLA, os trabalhadores das plantações de Baixa do Cassango (distrito de Malange), organizam uma resistência armada.

MPLA : INDEPENDENCIA OU MORTE

Em alguns meses, o governo português decide começar a utilizar bombas incendiárias de napalm. Isto custa a vida a 50 mil habitantes das regiões bombardeadas e 150 mil outros que tiveram que se refugiar nos países vizinhos, deixando casas e haveres. Hoje há cerca de 350 mil refugiados e mais de 100 mil mortos.

A resistência e a resposta do povo angolano, não se deixaram desencorajar, longe disso, ela engrandece e implanta-se cada vez mais por todo o lado.

Hoje há já vastas zonas libertadas pelos MPLA, onde a dignidade foi restituída ao angolano, em tanto que individuo e em tanto que povo. Nestas zonas, uma vida nova está já a aperfeiçoar-se e já aí foram encontradas as vias que restituirão ao povo angolano a independência perdida desde há séculos.

Assim, apesar do apoio dado ao governo português pelos governos racistas da Africa do Sul e da Rodésia e pelos aliados de Portugal da OTAN, o povo angolano está firmemente decidido a lutar até ao fim contra o colonialismo, que injecta em todo o povo de Angola o micróbio da ruína, do ódio, do obscurantismo, do atraso.



GUINÉ (BISSAU). — um povo que aprendeu a defender-se contra o ocupante e explorador.

SOMA E SEGUE...

O CLUBE DOS JOVENS TRABALHADORES PORTUGUESES DE PARIS, continua com as suas actividades culturais e recreativas.

Com a organização de bailes, reportagens, etc..., encontrando em cada actividade um grande sucesso. Ora os jovens que trabalham para que isto aconteça são bastantes mas, em relação aos projectos que existem, somos poucos, visto todas as actividades necessitarem de imenso trabalho. Fizemos uma festa em Ivry, onde muitos dos nossos leitores tiveram ocasião de ver duas peças de teatro. Todo esse trabalho feito por jovens trabalhadores que depois do dia de trabalho passam o resto do tempo livre (o tempo para descanso), a ensaiar, em lugar de perderem esse mesmo tempo nos cafés.

Tiveram também ocasião de apreciar os cantores Mário Branco e Tino Flores, os quais foram bastante aplaudidos. Houve também um pequeno filme fruto do trabalho do clube de jovens.

Ora, o que até agora foi feito é pouco, em relação ao que se tem de fazer, não somente em Paris mas em toda a parte onde existem núcleos de Portugueses em França.

Zeca

Escreve-nos jovem leitor para

CLUBE DOS JOVENS
TRABALHADORES PORTUGUESES
3, rue Récamier - Paris (7^o)

NATAL DO SOLDATO

(CONTINUA DA PAG. 6)

e Filhos Lda., aplica este sistema. Os seus operários, quase a maioria, dão uma hora de trabalho para esta campanha. E depois a receita total é entregue em nome do patrão. Devo dizer de passagem que esta fábrica tem à volta de 1.000 operários.

Ainda no Diário Popular, tive ocasião de ler a linda soma de 1.491.910\$90 e ainda a data do encerramento do peditório não estava fechada.

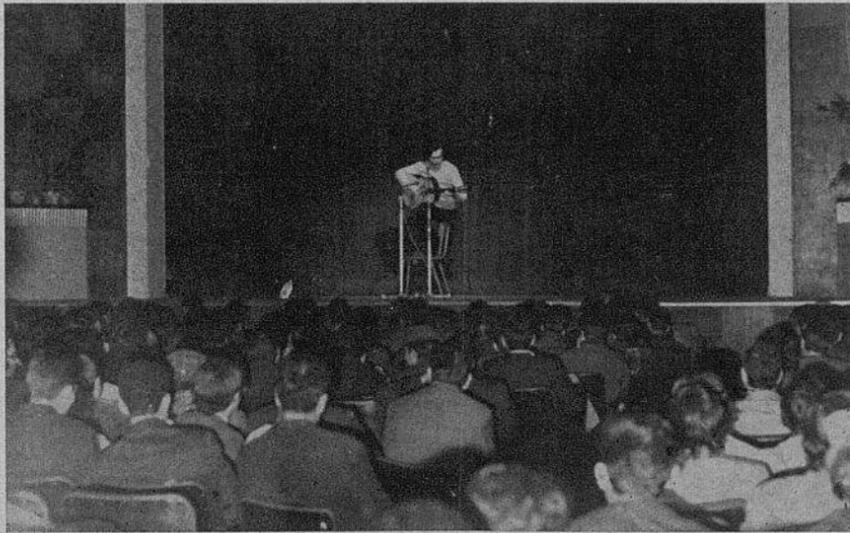
Qualquer que seja o nome dado a este peditório, este dinheiro contribui para a guerra colonial. Ou será que é gasto só em, tabletes de chocolate, latinas de conserva, livros de cow-boys e revistas pornográficas? Mesmo que assim seja já evita ao Governo esta despesa que ele deveria ter, comprando os «natais» para oferecer aos soldados, em troco do serviço prestado por estes aos grandes capitalistas nacionais e estrangeiros desfrutadores das riquezas das colónias ditas portuguesas.

E' de salientar que a «Campanha para o Natal do Soldado» é uma ideia magnífica, mas não devia ser feita no meio operário, nem nas pequenas industrias. Há muitos que têm mais possibilidades e obrigações de contribuir com bons donativos.

Por exemplo: o Banco Nacional Ultramarino, Companhia de seguros Ultramarina, Companhia União Fabril (CUF), SIEMENS (de capitais alemães), Corporação Americana (da Africa do Sul), Companhia das Construções Internacionais (de França), etc...

Estes sim, podiam pagar uma boa ceia de Natal aos soldados Portugueses que se batem nas colónias (Angola, Guiné e Moçambique), ao serviço dos seus interesses.

Faustino da Silva



IVRY. — Um momento da sessão. Canta Mário Branco

O JORNAL DO EMIGRANTE e a Municipalidade de Ivry

AOS NOSSOS AMIGOS DE IVRY - VITRY - CHOISY

O Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris, realizou no passado dia 1 de Março uma tarde de variedades a que assistiram mais de 500 pessoas.

Esta sessão, se bem que não fosse diferente daquelas que o Clube de Paris e os outros clubes organizam quase todos os domingos, vinha a ser preparada há quase 3 meses com o adjunto do Maire e outros responsáveis das actividades culturais da comuna de Ivry. Todos tinham a intenção de crear em Ivry um clube de jovens portugueses que ficaria integrado na «Maison des Jeunes» do Parc Maurice Thorez.

Após a sessão, várias centenas de jovens portugueses se dirigiram à Maison de Jeunes para conhecer o local.

Ficou combinado, em colaboração com o Director da «Maison de Jeunes», que os Portugueses interessados em frequentar a Casa de Jovens se encontrariam no local, no sábado à noite.

Qual não foi o espanto dos primeiros a comparecerem, pois um responsável os expulsou sob a ameaça de lhes «partir a cara»...

Várias vezes se procurou tomar contacto para se saber exactamente

o que se passava e não nos foi possível sequer conseguir um encontro.

Ficamos portanto sem saber as razões por que é que os responsáveis mudaram de opinião e por que razão não autorizam os jovens portugueses a frequentar a casa que está aberta, segundo dizem, a todos os habitantes da cidade.

Os nossos leitores e amigos de Ivry e arredores que gostariam de se encontrar com eles e com outros jovens franceses, foram postos assim na rua, mesmo antes de terem entrado em casa!

Casos do género têm-nos acontecido diversas vezes com outras municipalidades.

Porquê?

Supomos que é por nos recusarmos em fazer propaganda por qualquer partido político e em particular pelo partido do Sr. Maire.

A nossa posição é bem conhecida face à emigração: dedicamo-nos ao esclarecimento e à informação dos nossos compatriotas e realizamos sessões recreativas e culturais nos núcleos de portugueses.

O JORNAL DO EMIGRANTE é o resultado do trabalho de um grupo de jovens conscientes da alienação de que são vítimas os trabalhadores portugueses, em Portugal como explorados pelo regime capitalista de Caetano e em França como cidadãos de «2a. categoria».

Assim, a atitude dos responsáveis da municipalidade de Ivry mais nos surpreende, pois pensavamos tratar-se duma municipalidade operária e portanto, solidária dos trabalhadores estrangeiros.

ABONOS DE FAMÍLIA PARA OS FILHOS QUE ESTÃO EM PORTUGAL

Quem tem direito aos abonos de família?

— Para os filhos que ficaram em Portugal, todos os trabalhadores portugueses em França têm direito ao recebimento dos abonos de família durante seis anos, a contar da data da sua entrada em França.

Que fazer para receber os abonos de família?

— O trabalhador português deve fazer um pedido à «Caisse d'Allocations Familiales» do local onde trabalha. (Podem procurar a direcção desta Caixa junto da «Sécurité Sociale», da «Mairie», ou junto do delegado sindical da fábrica).

— Logo que o trabalhador faz o pedido, deve apresentar um «Estado de de Família» passado com menos de dois meses pelas autoridades competentes em assuntos de Estado Civil da residência da sua família vivendo em Portugal.

Trata-se do formulário SE 39-100 (Acordo Franco-Português de 30 de Outubro de 1958 sobre o Abono de Família dos Trabalhadores Migrantes). Este documento pode ser pedido para a referida «Caisse d'Allocations».

— Juntamente com este documento (preenchido pela Junta de Freguesia em Portugal), deve ser remetido à Caixa em França com o formulário SE 39-101, o qual terá de ser preenchido pela patrão.

— Importante: Este certificado (SE 39-100), deve ser renovado todos os anos, no mês que antecede o aniversário da entrada do trabalhador em França.

Para preenchimento destes papeis, ou para qualquer outro assunto relacionado com as «Allocations Familiales» ou Sécurité Sociale, todos os nossos leitores podem escrever para o «Serviço Social» do «JORNAL DO EMIGRANTE», 3, rue Récamier, Paris (7^o).

■ PARA VOS SERVIR

NA COVA DOS LEÕES

O Consul-Geral em Paris vai abrir uma delegação consular na Região Parisiense. Ela ficará instalada na rue des Maronniers, em Nogent-sur-Marne (94).

O GOVERNO PENSOU EM NÓS...

Mas não é para já a abertura, porque «os antigos proprietários ainda lá moram e é preciso fazer obras»... para vos servir.

Na comunicação que o consul faz sobre as novas instalações, diz ele que foi o governo que se lembrou de nós.

Ah, sim!... o governo lembra-se a cada instante de nós; por vezes até tem insónias, sobretudo quando lhe passa pela cabeça que a maior parte de nós veio para fugir à guerra...

Mesmo que as novas instalações sejam levadas a bom termo, nós não seremos melhor recebidos nem os funcionários serão mais correctos e educados para nós; o consul também não se privará das pequenas falcatruas que fazem as grandes fortunas. É por isso que, falando das novas instalações, ele nada prometeu no que respeita ao efectivo pessoal mínimo indispensável. E se encontrarem ao «guichet» um francês ou uma brasileira, não se admirem, c'est pour vous servir, messieurs, porque dizem esses funcionários manga-de-alpaca que «os portugueses não são de confiança».

HAVERA DISCURSOS!

Já estais convidados para a inauguração da nova sede. Pensa-se em chamar o Artur Agostinho, o Calvário e uma «marmelos-ao léu» não importa qual. Para o Jantar preparem 100 F. Estarão representados todos os bancos portugueses interessados nas «economias dos emigrantes» que vos farão belos discursos sobre os méritos do regime. A guerra colonial será largamente evocada, porque ela «é duma importância primordial para a nossa (deles) economia» — E nisso lhe damos razão, porque, não sendo eles que pagam os enormes salários dos oficiais e as gigantescas despesas da guerra, são eles, no entanto, que «investem o capital», o que significa: vai sacrificar-te a Moçambique, porque as minhas roças estão em perigo!

Entretanto, se os vossos papeis tardarem, se tiverdes de perder dois ou três dias para registar um filho ou assinar um papel, se «não tiverdes direito a um passaporte», tem paciência porque as leis são leis... porque as leis não foram feitas para atender aos casos particulares... porque que, temos nós a ver com os seus problemas pessoais... porque, se tem reclamações a fazer, vá-se embora e escreva uma carta... porque, se não está contente, por que veio para cá...

O consul está lá para vos servir!



18 PORTUGUESES MORTOS

(CONTINUA DA PAG. 5)

o movimento tomou, prometeu solucionar o problema a curto prazo. Entretanto, e sabendo o que são promessas, os trabalhadores do foyer e a população que os apoiou nas suas justas reivindicações, continuam mobilizadas e decididas a ir à frente se não lhes for dada satisfação.

LÊ E ASSINA
"JORNAL DO EMIGRANTE"

jornal do Emigrante

PARIS

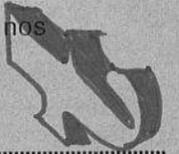
MIC...

É um jornal da emigração portuguesa. Sem compromissos com a policia, nem com os bancos, nem com os patrões.

É por esta razão que não aceita publicidade.

Vive da venda e de actividades culturais que promove nos núcleos da emigração.

ESCREVE-NOS! ENVIA A TUA OPINIAO!



A propósito de...

ELEIÇÕES « LIVRES »

« Das eleições semi-libres » que em Portugal tiveram lugar, ainda se fala. Fui passar a quadra do Natal junto da minha família, e uma vez aí, pedi que me explicassem como tinham decorrido as ditas eleições, e qual o voto que tinham dado. (Fi-lo sem interesse nenhum, quer dizer, não estava a arrancar-lhes estas informações para mais tarde publicar. Porém, no fim de tudo esclarecido, vi que realmente havia interesse, mesmo dever, de as publicar, pois a ignorância dos nossos familiares e outros, continua).

Começaram então por me dizer, que os seus votos tinham sido a favor da « União Nacional », o partido do governo. Perguntei-lhes porquê e responderam-me o seguinte :

« Os democratas eram comunistas, pois chegaram a pegar fogo a certas igrejas ». (Este facto foi confirmado por um 1º cabo da Guarda Fiscal, mas acrescentando, que não tinham sido os democratas « ditos então comunistas », mas sim os legionários, pondo a responsabilidade encima dos outros.

E' triste mas o nosso povo continua assim. O operário português, longe de ter uma vida equilibrada como os operários de outros Países, continua a votar por Salazar, ou digamos com outras letras, Caetano, e por conseguinte, a miséria ainda vive entre eles.

Conclusão : nesta aldeiazinha de 200 habitantes, 199 foram votantes da « União Nacional » e 1 votante dos democratas. Este votante da oposição, é um jovem, empregado da C.P., que como tantos outros tem dificuldades em levar uma vida digna de operário. Mas o maior problema que acabou por lhe surgir, foi a maneira como enfrentar aqueles que o rodeiam, porque após o seu voto, foi criticado por amigos e vizinhos. E quem sabe... bem eu não digo nada, mas... quem sabe se ele ainda vai ter problemas por causa deste voto « ao contrário », nestas ditas « eleições-libres ».

Salientemos que este jovem, que até este momento foi obrigado a votar pelos « governamentais », ou então a não se exprimir, aproveitou esta magra ocasião para fazer saber que não estava de acordo com a actual política do governo, votando contra, que era o único meio que tinha ao seu alcance.

S. V.

AUMENTO DAS DESPESAS MILITARES EM 1970

Na sua habitual mensagem de Ano Novo à Nação Portuguesa, o Presidente da República, Américo Tomás disse que a China e a União Soviética suportavam a maior parte do custo da « rebelião » em Angola, Moçambique e Guiné. Assim, 58 % do tesouro nacional é consagrado às forças armadas.

Para onde vão os 42 % que sobram ? Para a investigação científica, educação nacional, e funções públicas.

Assim, o governo português, dispensará mais de metade do tesouro nacional com a guerra colonial. E 42 % parece-lhe suficiente para a educação nacional, e para o resto das despesas no interior do País.

Para os que melhor conhecem as dificuldades do País, pergunto eu : será que depois de tirar destes 42 % uma grande parte para alimentar as repartições públicas, investigação científica, ficará alguma coisa para a educação nacional ?

Pois todos sabemos que Portugal necessita de escolas, primárias, escolas técnicas e liceus, onde os filhos dos trabalhadores possam estudar de graça, o que não tem sido o caso até agora. E a lavoura, quanto lhe vai tocar a ela para poder desenvolver-se ?

E a assistência social nos meios rurais de que tanto necessita o nosso País ?

Ah ! se estes 58 % que vão ser queimados ao serviço da guerra colonial fossem empregues para o desenvolvimento económico e social de 9 milhões de Portugueses...

Ao serviço dos grandes capitalistas nacionais e estrangeiros, Portugal não só fornece os soldados como também dá mais de metade das suas economias. E assim teremos de continuar a emigrar.

F. da Silva

Estatuto dos estrangeiros em França

Alfred Kastler, Jacques Monod, Laurent Schwartz e Pierre Vidal-Naquet, cientistas franceses, foram recebidos por Chaban-Delmas, primeiro ministro do governo francês, e trataram com ele da falta dum estatuto para os três milhões de estrangeiros que residem em França. Depois do encontro declararam :

« Nos países dos Direitos do Homem, tudo se passa como se os estrangeiros fossem totalmente desmunidos perante o arbitrário da administração. Nós pedimos que uma lei com o estatuto dos estrangeiros, substitua a expulsão administrativa por um processo judiciário, onde os direitos da defesa seriam integralmente respeitados.

» O primeiro-ministro declarou-nos que considerava estes objectivos como razoáveis, que compreendia a importância do problema e que, por outro lado, ele iria interessar-se pessoalmente pela humanização das relações entre a administração e os estrangeiros.

» Remetemos também ao primeiro-ministro uma lista dos casos de estrangeiros expulsos de que pedimos a revisão. O primeiro ministro assegurou-nos que todos estes casos seriam efectivamente reexaminados. Pedimos também um inquérito sobre o caso do espanhol Angel Campillo Fernandez, preso em Bordéus, entregue à policia espanhola, torturado e condenado a uma pesada pena de prisão por um tribunal espanhol. O primeiro-ministro declarou que este caso lhe parecia particularmente grave. »

« Le Monde », 17-1-70

JULGAMENTO DOS ASSALTANTES AO BANCO DA FIGUEIRA DA FOZ

Começou no dia 7 de Janeiro o julgamento dos participantes no assalto ao Banco da Figueira da Foz.

Apesar das considerações da imprensa portuguesa esses homens que são julgados hoje não são vulgares ladrões, mas anti-fascistas que decidiram de lutar contra o regime português utilizando os melhores meios ao seu alcance.

PORQUE SÃO JULGADOS ?

No dia 17 de Maio de 1967 um grupo de 4 homens entra na delegação do Banco de Portugal da Figueira da Foz e após terem intimidado os empregados do Banco e as pessoas ali presentes apoderaram-se de 29 mil contos.

Os assaltantes Palma Inacio, Antonio Barracosa, Tavares Mortagua e Luis Benvindo após o assalto utilizaram automoveis e um avião e desapareceram sem que a policia consiga dete-los.

Não actuando sós a cumplicidade de outros camaradas permitiu-lhes uma organização perfeita no assalto e na fuga.

Alguns dos colaboradores ficaram em Portugal tendo os mais responsaveis fugido para o estrangeiro.

A ACÇÃO DA POLICIA

Quando foi dado o alarme já os assaltantes se encontravam no estrangeiro e nada havia a fazer para os prender.

Entretanto a falta de experiencia de alguns elementos dos que tinham ficado em Portugal-o que prova que não se tratava de vulgares gatunos- a policia na boa pista e após a detenção de um ou dois elementos, tudo começou a ser conhecido pela policia, não só o nome dos principais assaltantes mas a maneira como estes tinham actuado.

Sabendo que o chefe do grupo PAIMA INICIO se encontrava em França facil foi à Policia Portuguesa com a colaboração da Policia Internacional - INTERPOL obter a sua detenção com o pedido de extradição.

Preso e julgado em Paris Palma Inacio foi em seguida posto em liberdade por ter sido provado pelo tribunal francês que o roubo fora cometido por uma razão politica na medida em que o acusado era antigo militante e cometera já outras acções politicas.

O MANIFESTO DA L.U.A.R.

Alguns dias após o assalto, a L.U.A.R. (Liga de União e Acção Revolucionaria) fazia sair um manifesto no qual declarava ser responsável desta acção e no qual afirmava :

« Com o assalto ao Banco de Portugal; nós quizemos recuperar o dinheiro do povo português, a quem daremos, mais tarde, as contas. »

Mais tarde numa nova acção revolucionaria alguns elementos da L.U.

A.R. tendo entrado clandestinamente em Portugal foram presos pela policia. Entre esses elementos se encontrava Palma Inacio que conseguiu de novo fugir da prisão da PIDE no Porto.

O JULGAMENTO

No julgamento tomam parte 26 testemunhas de acusação e 85 de defesa. Fazem parte da defesa 18 advogados dos quais figuram alguns elementos da oposição portuguesa.

Dos 23 reus encontram-se 5 detidos, 11 em liberdade sob caução e 7 ausentes entre os quais os quatro principais assaltantes, Barracosa, Mortagua, Benvindo e Palma Inacio. Num país onde a liberdade das ideias é reprimida não se pode esperar a clemencia do tribunal para este caso meramente politico.

O que é importante salientar é que esses militantes não poderão ser julgados como vulgares criminosos ou terroristas como lhe chamou a imprensa portuguesa, mas como militantes que agiram segundo uma acção politica que julgaram eficaz e oportuna.

A pena que lhe for atribuída terá a mesma razão pela qual tantos outros militantes se encontraram na prisão.

Mais uns quantos que perdem a liberdade lutando pela liberdade dos outros.

V. S.

NOTA DA REDACÇÃO. — Temos a esclarecer os nossos leitores que o JORNAL DO EMIGRANTE nada tem a ver com a L.U.A.R. No entanto, consideramos o assalto ao Banco da Figueira da Foz um acto contra o regime que vende trabalhadores ao estrangeiro e, por isso, achamos dever informar os nossos leitores.

jornal do Emigrante

PRECISA DA COLABORAÇÃO DOS SEUS LEITORES

ESCREVE-NOS PARA

3, RUE RÉCAMIER — PARIS (7º)

COMO RECEBER O JORNAL

Preço de cada número : 1 F

Assinatura anual 10 F

NOME :

MORADA :

Desejo receber « JORNAL DO EMIGRANTE »

Peço que me enviem un vale preenchido para o pagamento da assinatura. Envia este Boletim a « JORNAL DO EMIGRANTE », 3, rue Récamier, Paris (7º)